

ENTREVISTA

FERNANDO E HUMBERTO CAMPANA DESIGNERS

FOTO FERNANDO LAZLO

Ubiratã Brasil

São 35 anos de trajetória, com a criação de peças que se tornaram ousadas, provocadoras, clássicas. E o que poderá ser visto no Espaço Irmãos Campana — 35 Revoluções, mostra que abre neste sábado, 14, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Trata-se de uma ampliação de peças de design e esculturas desenvolvidas ao longo das últimas décadas por Fernando e Humberto.

Experimentação e ousadia são elementos-chave no trabalho dos irmãos, criadores de peças intrigantes, como as cadeiras Vermelha e Favela. Admiradora do trabalho dos artistas, a cantora e compositora Adriana Calcanhotto elaborou, a pedido do Estado, as seguintes questões que foram respondidas pelos irmãos.

● Como nasceu a ideia da Poltrona Favela?

Fernando — Em 1990, passamos por São Gonçalo, Rio de Janeiro, e vimos aquela baía que forma a Rocinha. Na hora, veio a inspiração para uma cadeira desconstruída e Humberto a montou com tábuas de caixote e fruta do Ceá. Mas acho que o que foi de mais interessante por trás disso é o design emergencial, aquilo que o brasileiro sabe fazer de melhor. A necessidade é mãe da criatividade, então nós procuramos traduzir isso. A cadeira demorou 13 anos para decolar e ser produzida industrialmente. Na época, demos a ela o nome de Favela, que hoje acho pejorativo.

Humberto — A ideia nasceu da vontade de criar sem o rigor da escola modernista. Por que não fazer uma peça com liberdade de expressão? Acho que esta é a questão mais importante da história do design e não tem o repete de um projeto. O projeto acontece através do afeto, do coração.

● E a Cadeira Trans?

Fernando — A cadeira Trans foi criada para uma exposição no Museu Cooper-Hewitt, de Nova York, em 2007. A ideia era ter a natureza expurgando tudo o que é poluição, então a ideia foi trazer esse lugar no contexto do mundo. E como se todos aqueles objetos tivessem sido expelidos. Hoje, o oceano está repleto de garrafa PET, uma coisa absurda, então, foi uma forma de protesto.

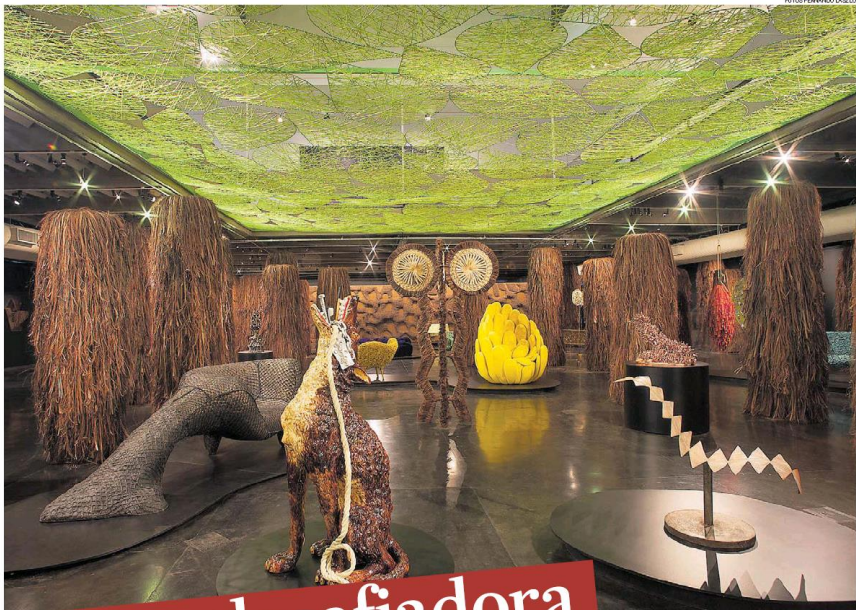
Humberto — A Trans fez parte do projeto Campana Brothers Select: Works from the Permanent Collection, do Museu Cooper-Hewitt, em Nova York. Acho que essa foi a nossa prova de fogo ao ousar e construir, pois são 400 metros de corda trançada que criam um objeto que se desfaça. Essa peça era condenada a ser peça única e hoje é o nosso best-seller e é acervo de vários mu-

seus como MoMA, Centre Pompidou, Museum of Fine Arts em Houston e outros museus e coleções privadas.

Humberto — O material que temos desafiado o que parecia a princípio, que tinha gerado mais dificuldade e, talvez por isso, tenha ficado engraçado?

Fernando — Acho que quase todos os materiais nos desafiam. Nossa relação com os materiais se dá quase como um flerte. Alguns são mais reticentes, mais difíceis de dominar. Quando nos sentimos capazes de finalizar, de realizar a ideia, a obra vem mais rápido. Quando não, esse material fica num limbo. E o caso da cadeira Vermelha de cordas. Humberto comprou um rolo de cordas e a ideia era fazer alguma coisa. Esse rolo se desfaz sobre uma mesa e acho que demorou uns seis meses para os dois, ao mesmo tempo, olharem e imaginarem: "Olha ali, é um ninho, é um material que pode ser transformado em uma cadeira". Acho que essa foi a nossa prova de fogo ao ousar e construir, pois são 400 metros de corda trançada que criam um objeto que se desfaça. Essa peça era condenada a ser peça única e hoje é o nosso best-seller e é acervo de vários mu-

seus como MoMA, Centre Pompidou, Museum of Fine Arts em Houston e outros museus e coleções privadas.



Arte desafiadora

Visuais. A convite do 'Estado', a cantora Adriana Calcanhotto entrevista os irmãos Fernando e Humberto Campana, cujos 35 anos de trabalho de design inspira exposição no MAM do Rio

seus como MoMA, Centre Pompidou, Museum of Fine Arts em Houston e outros museus e coleções privadas.

Humberto — O material que temos desafiado o que parecia a princípio, que tinha gerado mais dificuldade e, talvez por isso, tenha ficado engraçado?

Fernando — Acho que quase todos os materiais nos desafiam. Nossa relação com os materiais se dá quase como um flerte. Alguns são mais reticentes, mais difíceis de dominar. Quando nos sentimos capazes de finalizar, de realizar a ideia, a obra vem mais rápido. Quando não, esse material fica num limbo. E o caso da cadeira Vermelha de cordas. Humberto comprou um rolo de cordas e a ideia era fazer alguma coisa. Esse rolo se desfaz sobre uma mesa e acho que demorou uns seis meses para os dois, ao mesmo tempo, olharem e imaginarem: "Olha ali, é um ninho, é um material que pode ser transformado em uma cadeira". Acho que essa foi a nossa prova de fogo ao ousar e construir, pois são 400 metros de corda trançada que criam um objeto que se desfaça. Essa peça era condenada a ser peça única e hoje é o nosso best-seller e é acervo de vários mu-

seus como MoMA, Centre Pompidou, Museum of Fine Arts em Houston e outros museus e coleções privadas.

Humberto — O material que temos desafiado o que parecia a princípio, que tinha gerado mais dificuldade e, talvez por isso, tenha ficado engraçado?

Fernando — Acho que quase todos os materiais nos desafiam. Nossa relação com os materiais se dá quase como um flerte. Alguns são mais reticentes, mais difíceis de dominar. Quando nos sentimos capazes de finalizar, de realizar a ideia, a obra vem mais rápido. Quando não, esse material fica num limbo. E o caso da cadeira Vermelha de cordas. Humberto comprou um rolo de cordas e a ideia era fazer alguma coisa. Esse rolo se desfaz sobre uma mesa e acho que demorou uns seis meses para os dois, ao mesmo tempo, olharem e imaginarem: "Olha ali, é um ninho, é um material que pode ser transformado em uma cadeira". Acho que essa foi a nossa prova de fogo ao ousar e construir, pois são 400 metros de corda trançada que criam um objeto que se desfaça. Essa peça era condenada a ser peça única e hoje é o nosso best-seller e é acervo de vários mu-

seus como MoMA, Centre Pompidou, Museum of Fine Arts em Houston e outros museus e coleções privadas.

Humberto — O material que temos desafiado o que parecia a princípio, que tinha gerado mais dificuldade e, talvez por isso, tenha ficado engraçado?

Fernando — Acho que quase todos os materiais nos desafiam. Nossa relação com os materiais se dá quase como um flerte. Alguns são mais reticentes, mais difíceis de dominar. Quando nos sentimos capazes de finalizar, de realizar a ideia, a obra vem mais rápido. Quando não, esse material fica num limbo. E o caso da cadeira Vermelha de cordas. Humberto comprou um rolo de cordas e a ideia era fazer alguma coisa. Esse rolo se desfaz sobre uma mesa e acho que demorou uns seis meses para os dois, ao mesmo tempo, olharem e imaginarem: "Olha ali, é um ninho, é um material que pode ser transformado em uma cadeira". Acho que essa foi a nossa prova de fogo ao ousar e construir, pois são 400 metros de corda trançada que criam um objeto que se desfaça. Essa peça era condenada a ser peça única e hoje é o nosso best-seller e é acervo de vários mu-

seus como MoMA, Centre Pompidou, Museum of Fine Arts em Houston e outros museus e coleções privadas.

Humberto — O material que temos desafiado o que parecia a princípio, que tinha gerado mais dificuldade e, talvez por isso, tenha ficado engraçado?

Fernando — Acho que quase todos os materiais nos desafiam. Nossa relação com os materiais se dá quase como um flerte. Alguns são mais reticentes, mais difíceis de dominar. Quando nos sentimos capazes de finalizar, de realizar a ideia, a obra vem mais rápido. Quando não, esse material fica num limbo. E o caso da cadeira Vermelha de cordas. Humberto comprou um rolo de cordas e a ideia era fazer alguma coisa. Esse rolo se desfaz sobre uma mesa e acho que demorou uns seis meses para os dois, ao mesmo tempo, olharem e imaginarem: "Olha ali, é um ninho, é um material que pode ser transformado em uma cadeira". Acho que essa foi a nossa prova de fogo ao ousar e construir, pois são 400 metros de corda trançada que criam um objeto que se desfaça. Essa peça era condenada a ser peça única e hoje é o nosso best-seller e é acervo de vários mu-

seus como MoMA, Centre Pompidou, Museum of Fine Arts em Houston e outros museus e coleções privadas.

seus como MoMA, Centre Pompidou, Museum of Fine Arts em Houston e outros museus e coleções privadas.

Humberto — O material que temos desafiado o que parecia a princípio, que tinha gerado mais dificuldade e, talvez por isso, tenha ficado engraçado?

Fernando — Acho que quase todos os materiais nos desafiam. Nossa relação com os materiais se dá quase como um flerte. Alguns são mais reticentes, mais difíceis de dominar. Quando nos sentimos capazes de finalizar, de realizar a ideia, a obra vem mais rápido. Quando não, esse material fica num limbo. E o caso da cadeira Vermelha de cordas. Humberto comprou um rolo de cordas e a ideia era fazer alguma coisa. Esse rolo se desfaz sobre uma mesa e acho que demorou uns seis meses para os dois, ao mesmo tempo, olharem e imaginarem: "Olha ali, é um ninho, é um material que pode ser transformado em uma cadeira". Acho que essa foi a nossa prova de fogo ao ousar e construir, pois são 400 metros de corda trançada que criam um objeto que se desfaça. Essa peça era condenada a ser peça única e hoje é o nosso best-seller e é acervo de vários mu-

seus como MoMA, Centre Pompidou, Museum of Fine Arts em Houston e outros museus e coleções privadas.

Humberto — O material que temos desafiado o que parecia a princípio, que tinha gerado mais dificuldade e, talvez por isso, tenha ficado engraçado?

Fernando — Acho que quase todos os materiais nos desafiam. Nossa relação com os materiais se dá quase como um flerte. Alguns são mais reticentes, mais difíceis de dominar. Quando nos sentimos capazes de finalizar, de realizar a ideia, a obra vem mais rápido. Quando não, esse material fica num limbo. E o caso da cadeira Vermelha de cordas. Humberto comprou um rolo de cordas e a ideia era fazer alguma coisa. Esse rolo se desfaz sobre uma mesa e acho que demorou uns seis meses para os dois, ao mesmo tempo, olharem e imaginarem: "Olha ali, é um ninho, é um material que pode ser transformado em uma cadeira". Acho que essa foi a nossa prova de fogo ao ousar e construir, pois são 400 metros de corda trançada que criam um objeto que se desfaça. Essa peça era condenada a ser peça única e hoje é o nosso best-seller e é acervo de vários mu-

seus como MoMA, Centre Pompidou, Museum of Fine Arts em Houston e outros museus e coleções privadas.

Humberto — O material que temos desafiado o que parecia a princípio, que tinha gerado mais dificuldade e, talvez por isso, tenha ficado engraçado?

Fernando — Acho que quase todos os materiais nos desafiam. Nossa relação com os materiais se dá quase como um flerte. Alguns são mais reticentes, mais difíceis de dominar. Quando nos sentimos capazes de finalizar, de realizar a ideia, a obra vem mais rápido. Quando não, esse material fica num limbo. E o caso da cadeira Vermelha de cordas. Humberto comprou um rolo de cordas e a ideia era fazer alguma coisa. Esse rolo se desfaz sobre uma mesa e acho que demorou uns seis meses para os dois, ao mesmo tempo, olharem e imaginarem: "Olha ali, é um ninho, é um material que pode ser transformado em uma cadeira". Acho que essa foi a nossa prova de fogo ao ousar e construir, pois são 400 metros de corda trançada que criam um objeto que se desfaça. Essa peça era condenada a ser peça única e hoje é o nosso best-seller e é acervo de vários mu-

seus como MoMA, Centre Pompidou, Museum of Fine Arts em Houston e outros museus e coleções privadas.

Humberto — O material que temos desafiado o que parecia a princípio, que tinha gerado mais dificuldade e, talvez por isso, tenha ficado engraçado?

Fernando — Acho que quase todos os materiais nos desafiam. Nossa relação com os materiais se dá quase como um flerte. Alguns são mais reticentes, mais difíceis de dominar. Quando nos sentimos capazes de finalizar, de realizar a ideia, a obra vem mais rápido. Quando não, esse material fica num limbo. E o caso da cadeira Vermelha de cordas. Humberto comprou um rolo de cordas e a ideia era fazer alguma coisa. Esse rolo se desfaz sobre uma mesa e acho que demorou uns seis meses para os dois, ao mesmo tempo, olharem e imaginarem: "Olha ali, é um ninho, é um material que pode ser transformado em uma cadeira". Acho que essa foi a nossa prova de fogo ao ousar e construir, pois são 400 metros de corda trançada que criam um objeto que se desfaça. Essa peça era condenada a ser peça única e hoje é o nosso best-seller e é acervo de vários mu-

seus como MoMA, Centre Pompidou, Museum of Fine Arts em Houston e outros museus e coleções privadas.

seus como MoMA, Centre Pompidou, Museum of Fine Arts em Houston e outros museus e coleções privadas.

Humberto — O material que temos desafiado o que parecia a princípio, que tinha gerado mais dificuldade e, talvez por isso, tenha ficado engraçado?

Fernando — Acho que quase todos os materiais nos desafiam. Nossa relação com os materiais se dá quase como um flerte. Alguns são mais reticentes, mais difíceis de dominar. Quando nos sentimos capazes de finalizar, de realizar a ideia, a obra vem mais rápido. Quando não, esse material fica num limbo. E o caso da cadeira Vermelha de cordas. Humberto comprou um rolo de cordas e a ideia era fazer alguma coisa. Esse rolo se desfaz sobre uma mesa e acho que demorou uns seis meses para os dois, ao mesmo tempo, olharem e imaginarem: "Olha ali, é um ninho, é um material que pode ser transformado em uma cadeira". Acho que essa foi a nossa prova de fogo ao ousar e construir, pois são 400 metros de corda trançada que criam um objeto que se desfaça. Essa peça era condenada a ser peça única e hoje é o nosso best-seller e é acervo de vários mu-

seus como MoMA, Centre Pompidou, Museum of Fine Arts em Houston e outros museus e coleções privadas.

Humberto — O material que temos desafiado o que parecia a princípio, que tinha gerado mais dificuldade e, talvez por isso, tenha ficado engraçado?

Fernando — Acho que quase todos os materiais nos desafiam. Nossa relação com os materiais se dá quase como um flerte. Alguns são mais reticentes, mais difíceis de dominar. Quando nos sentimos capazes de finalizar, de realizar a ideia, a obra vem mais rápido. Quando não, esse material fica num limbo. E o caso da cadeira Vermelha de cordas. Humberto comprou um rolo de cordas e a ideia era fazer alguma coisa. Esse rolo se desfaz sobre uma mesa e acho que demorou uns seis meses para os dois, ao mesmo tempo, olharem e imaginarem: "Olha ali, é um ninho, é um material que pode ser transformado em uma cadeira". Acho que essa foi a nossa prova de fogo ao ousar e construir, pois são 400 metros de corda trançada que criam um objeto que se desfaça. Essa peça era condenada a ser peça única e hoje é o nosso best-seller e é acervo de vários mu-

seus como MoMA, Centre Pompidou, Museum of Fine Arts em Houston e outros museus e coleções privadas.

Humberto — O material que temos desafiado o que parecia a princípio, que tinha gerado mais dificuldade e, talvez por isso, tenha ficado engraçado?

Fernando — Acho que quase todos os materiais nos desafiam. Nossa relação com os materiais se dá quase como um flerte. Alguns são mais reticentes, mais difíceis de dominar. Quando nos sentimos capazes de finalizar, de realizar a ideia, a obra vem mais rápido. Quando não, esse material fica num limbo. E o caso da cadeira Vermelha de cordas. Humberto comprou um rolo de cordas e a ideia era fazer alguma coisa. Esse rolo se desfaz sobre uma mesa e acho que demorou uns seis meses para os dois, ao mesmo tempo, olharem e imaginarem: "Olha ali, é um ninho, é um material que pode ser transformado em uma cadeira". Acho que essa foi a nossa prova de fogo ao ousar e construir, pois são 400 metros de corda trançada que criam um objeto que se desfaça. Essa peça era condenada a ser peça única e hoje é o nosso best-seller e é acervo de vários mu-

seus como MoMA, Centre Pompidou, Museum of Fine Arts em Houston e outros museus e coleções privadas.

Humberto — O material que temos desafiado o que parecia a princípio, que tinha gerado mais dificuldade e, talvez por isso, tenha ficado engraçado?

Fernando — Acho que quase todos os materiais nos desafiam. Nossa relação com os materiais se dá quase como um flerte. Alguns são mais reticentes, mais difíceis de dominar. Quando nos sentimos capazes de finalizar, de realizar a ideia, a obra vem mais rápido. Quando não, esse material fica num limbo. E o caso da cadeira Vermelha de cordas. Humberto comprou um rolo de cordas e a ideia era fazer alguma coisa. Esse rolo se desfaz sobre uma mesa e acho que demorou uns seis meses para os dois, ao mesmo tempo, olharem e imaginarem: "Olha ali, é um ninho, é um material que pode ser transformado em uma cadeira". Acho que essa foi a nossa prova de fogo ao ousar e construir, pois são 400 metros de corda trançada que criam um objeto que se desfaça. Essa peça era condenada a ser peça única e hoje é o nosso best-seller e é acervo de vários mu-

seus como MoMA, Centre Pompidou, Museum of Fine Arts em Houston e outros museus e coleções privadas.

sa é a nossa riqueza. É impossível, no Brasil, ser minimalista, cool, calmo, zen, japonês climamarkets, alemão... Nós trouxemos para o nosso trabalho toda essa bagagem da riqueza dos trópicos e criamos uma escola projetual Campana, que abriu portas para toda uma geração de designers brasileiros.

● O que tem em cada um de vocês de índio e de astronauta? Quería que vocês falassem um pouco disso, porque é muito bonito e revelador. Ajuda muito na compreensão da obra de vocês.

Fernando — Acho que eu pensei em ser astronauta quando meu pai me levou a São Paulo para assistir a 2001 — Uma Odisseia no Espaço no cinema, em 1968. Quando voltei para o interior, eu não me conformava com os brinquedos de plástico ou de alumínio que tinha. Isso aconteceu na época da construção da nossa casa e eu construí as esponjadas com restos de madeira da construção, mandacaru e bambu. Ai cheguei a televisão e eu só assistia às séries de ficção científica: Perdidos no Espaço, Tinha o Tempo, Terra de Gigantes e esses filmes B sobre Marte, monstros... Humberto fazia casas em árvores, criava barragens em um riacho que havia no nosso terreno... e enquanto isso, eu vivia. Meu sonho, se eu não fosse gente, eu passaria no avião. E acho que trouxemos isso para o nosso trabalho, porque o Humberto tem a mania de enquanto eu tenho a racionalidade.

Humberto — Quando criança, eu queria ser índio. Eu lembro que tinha sete anos e me recusava a usar sapatos quando minha mãe me levava à escola. Então não usava sapato, por isso também não queria usar. Eu adorava a cultura indígena, as cores, a forma como eles se pintavam, às vezes... e trazia tudo esse universo para a minha imaginação. No quintal de casa, havia um riacho, então eu fazia piscinas que imaginava que eram o Rio Amazonas. Cortava o bambu, fazia casas nas árvores, fazia arco e flecha. Me vestia de índio não só no carnaval. Em casa mesmo, fazia penacho na cabeça... Fora os filmes que eu via sobre o Rio Amazonas.

Fernando — Há uma forte relação espiritual entre nós, apesar da diferença etária. Temos até sonhos iguais?

Fernando — Há uma forte relação espiritual entre nós, apesar da diferença etária. Temos até sonhos iguais?



Dupla. Humberto e Fernando Campana criaram peças como as cadeiras Vermelha e Favela